

RICARDO AMORIM

Economista, diretor executivo
de Asset Management da
Concórdia Corretora



O BRASIL NO MUNDO

Recessão, não: apenas desaceleração

Uma pergunta que ouço com frequência desde que a bolha imobiliária americana estourou coincide com o tema proposto para este artigo: serão os países emergentes, liderados pelo bloco conhecido por Bric (Brasil, Rússia, Índia e China), os protagonistas de uma nova ordem econômica mundial?

A resposta é sim. Entretanto, essa situação não foi desencadeada pela crise. É fruto de um movimento anterior, que vem ocorrendo desde o começo da década, quando o crescimento dos emergentes – capitaneado pelos países asiáticos – começou ser muito mais relevante para a prosperidade da economia mundial. Desde 2000, a China, por exemplo, tem contribuído mais para o crescimento da economia mundial do que o Japão, os Estados Unidos e a Zona do Euro juntos. A América Latina também tem ganhado relevância ano a ano. Algumas projeções revelam que a economia da China superará a americana em tamanho antes de 2020. O cidadão americano ainda será bem mais rico do que o chinês, mas a China será a maior economia mundial.

Há outros fatores que mostram como o eixo econômico mundial mudou. Atualmente, os Estados Unidos e a Europa

não são mais fontes de estabilidade, mas de fragilidades para a economia global. Seus sistemas financeiros se tornaram dependentes de fluxos de capitais vindos de países emergentes. Nos últimos dois anos, mais de US\$ 150 bilhões provenientes de fundos soberanos asiáticos e do Oriente Médio aportaram em bancos americanos.

Na chamada economia real, vemos fusões e aquisições lideradas por companhias de países emergentes – podemos citar exemplos brasileiros, como Vale e Xstrata, Inbev e Budweiser, Friboi e Swift. As listas das maiores empresas do mundo sempre têm corporações chinesas ocupando boa parte do topo do ranking. Dependendo do segmento, há empresas do Brasil e de outros países emergentes. Até o capital humano dos países desenvolvidos sofre baixas, com fuga de cérebros para os emergentes. Nunca se viu tão poucos alunos estrangeiros nas universidades americanas e tantos profissionais voltando para os seus países de origem. As oportunidades mudaram de lugar.

Como o dólar se fortaleceu nesse cenário, então? Os investidores americanos são donos de cerca de metade dos ativos financeiros existentes no mundo. E é exatamente o setor financeiro o mais machucado até o momento. Para cobrir suas perdas, esses investidores tiveram de vender ativos (derrubando cotações nos mercados internacionais) e repatriar esses dólares, o que encareceu a moeda. Esse movimento, porém, será revertido ao longo dos próximos anos. Para combater a recessão, os Estados Unidos deverão adotar políticas de incentivo à exportação e diminuição do consumo de importados. Isso passa por um enfraquecimento da moeda americana e por um crescimento pequeno do consumo, que limitará o crescimento da economia americana.

Ao contrário dos países desenvolvidos, os emergentes não estarão em recessão em 2009, e sim em desaceleração. Continuarão a crescer e reúnem boas condições de atravessar a turbulência. O caso emblemático é a China, que conta com reservas internacionais de US\$ 2 trilhões e espaço para estimular sua economia por meio de medidas fiscais e monetárias. A grande compradora mundial de *commodities* demonstra ter condições de agüentar o tranco e continuar a melhoria das condições sociais e econômicas de centenas de milhões de pessoas, inserindo-as na cadeia de consumo.

Com a média mundial de juros muito baixa, a Selic também tende a cair (o desaquecimento da economia limita o risco de inflação). Já o dólar deve apresentar queda forte ao longo dos próximos anos. Assim, é possível vislumbrar um cenário de financiamentos mais baratos para as companhias brasileiras e a volta de um crescimento vigoroso no Brasil a partir da segunda metade de 2009 – mesmo que os países desenvolvidos permaneçam em recessão por alguns anos.



Ricardo Stuckert/PR

BRICS: ENFIM, PROTAGONISTAS DA ORDEM MUNDIAL